

A METÁFORA NO DISCURSO MÉDICO: UMA ANÁLISE DAS EXPRESSÕES METAFÓRICAS USADAS PELO DR. GREGORY HOUSE, M.D.

Ana Cristina Cunha da Silva*

RESUMO

A metáfora, escolhida em conjunto pelos sistemas linguístico e cognitivo de um indivíduo, é uma ferramenta para o estabelecimento de compreensão mútua na conversação. Cameron (2003) investigou o processo de negociação de metáforas entre falantes em seus principais momentos de uso (sessões de reconciliação). Adotamos os mesmos procedimentos metodológicos sugeridos por Cameron (1999a; 1999b; 2003), para investigar o discurso permeado de metáforas para explicar uma situação médica que atinge um paciente. Nosso corpus reúne cenas nas quais o Dr. Gregory House (personagem principal da série norte-americana HOUSE) se reúne com sua equipe para resolver problemas de diagnóstico em pacientes com casos raros e/ou complicados, momentos em que acontece o processo de negociação de significado.

Palavras-chave: Metáfora lingüística, Expressão metafórica, Análise metafórica, Identificação de metáfora.

ABSTRACT

Metaphor, in tandem with the cognitive and linguistic systems of an individual, is a tool used by interlocutors to establish mutual understanding in conversation. Cameron (2003) investigated metaphor negotiation process between speakers in its main moments of usage (sessions of reconciliation). We adopt the same methodological procedures suggested by Cameron (1999a; 1999b; 2003) in order to investigate metaphor permeated speech used to explain a medical situation. Our corpus is composed of scenes in which Dr. Gregory House (the main character in a U.S. series titled HOUSE, M.D.) meets his team to solve problems of diagnosis in patients with rare or complicated conditions, when the process of negotiation of meaning occurs between the main character and the members of his team.

Keywords: Linguistic metaphor, Metaphor expression, Metaphor analysis, Metaphor identifications.

* Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará - UFC/PPGL. Bolsista FUNCAP

Introdução

“Have you guys heard any of my metaphors yet? Well come on, sit on grandpa’s lap as I tell you how infections are criminals; immune system’s the police. Seriously, Grumpy, get up here: it’ll make us both happy.” (Dr. Gregory House in the “Mirror, Mirror” episode of *House, M.D.*)

A metáfora tem sido definida e analisada de muitas formas diferentes ao longo dos anos, dentro de diversos modelos e teorias. Uma das faces que nos interessa aqui é a metáfora como instrumento de organização intelectual e cognitiva, do qual fazemos uso nas mais diversas situações de interação, além de se mostrar como uma ferramenta poderosa para a compreensão entre as pessoas.

Nosso estudo se destaca por gerar uma contribuição direta para os trabalhos já existentes sobre o papel da metáfora na compreensão de doenças em geral. Alguns trabalhos internacionalmente conhecidos como *Metaphor and illness* (1979) e *Aids and its metaphors* (1988), ambos de autoria de Susan Sontag, e o trabalho de Semino et al (2004) já lançaram luz sobre a interface entre metáfora e discurso médico e discurso do paciente. Estes trabalhos trataram das motivações culturais e do tratamento metodológico de expressões metafóricas presentes nesses discursos, respectivamente.

Temos por objetivo identificar os mapeamentos metafóricos que estão subjacentes às expressões lingüísticas presentes nas situações médicas experienciadas pela equipe de diagnóstico da série *House, M.D.* Levantamos quatro questões de pesquisa, que guiaram nossa análise das expressões metafóricas utilizadas pelo Dr. Gregory House:

- 1) Como o uso de metáforas primárias (ou metáforas conceituais) contribui para o processo de elucidação de casos raros / complexos dentro da equipe médica de diagnóstico?
- 2) Existe sistematicidade no uso de determinadas metáforas primárias no discurso do personagem principal (Dr. House) para se chegar a um diagnóstico bem sucedido?
- 3) A metáfora assegura a construção do entendimento e a negociação do sentido nas seqüências conversacionais instauradas?
- 4) Como se realizam as metaforizações nas expressões lingüísticas analisadas?

A partir das questões de pesquisa apresentadas, levantamos as seguintes hipóteses: 1) Ao se tratar de assuntos relacionados à comunidade técnico-científica, a utilização de metáforas, linguagem simbólica e linguagem figurada não colabora para o aumento do processo de construção de significado; 2) As metáforas, se usadas nesse contexto de explicação / interpretação de diagnóstico, não possuem o objetivo de explorar a emoção dos participantes no evento comunicativo.

Escolhemos como referencial teórico a Hipótese da Metáfora Primária¹ de Grady (1997) e a Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980), por se mostrarem adequados para o nosso estudo, já que a primeira hipótese preconiza a conexão existente entre as experiências perceptuais sensório-motoras, e a segunda teoria prima por deixar claro que as metáforas, além de

1. Siqueira (no prelo) relembra que a razão humana está conectada às experiências corpóreas, e, uma vez que as experiências corpóreas básicas são comuns a todos os seres humanos, é possível pensar na existência de universais cognitivos e lingüísticos decorrentes da percepção de eventos básicos ligados à fisiologia humana.

representarem um aspecto formal da linguagem, nos permitem estruturar conceitos a partir de outros mais básicos e concretos. Partimos do pressuposto de que os leitores deste artigo já possuam um conhecimento prévio sobre as duas teorias supracitadas.

Na seção seguinte, apresentamos algumas perspectivas de análise com suas respectivas metodologias e articulações entre teoria e pesquisa.

1. As Perspectivas de Análise

Dr. Cameron: Idiopathic T-cell deficiency?

Dr. House: Idiopathic, from the Latin meaning we're idiots 'cause we can't figure out what's causing it. Give him a whole body scan.

Dr. Cameron: You hate whole body scans.

Dr. House: 'Cause they're useless. Could probably scan every one of us and find five different doodads that look like cancer. But, when you're fourth down, 100 to go, in the snow, you don't call a running play up the middle. Unless you're the Jets.

Dr. Cameron: I hate sports metaphors.
("Role Model")

Durante o processo de identificação de expressões lingüísticas usadas metaforicamente no discurso, é comum nos depararmos com algumas dificuldades metodológicas de análise. Semino et al (2004) ao tentarem desenvolver uma metodologia confiável e explícita para a análise de metáforas, metodologia essa totalmente inspirada em uma abordagem lingüístico-cognitiva originária de Lakoff & Johnson (1980), Johnson (1987), Lakoff (1987), e Lakoff & Turner (1989), se confrontaram com problemas que se relacionam com as seguintes áreas:

- 1) A fronteira entre o literal e o metafórico na identificação de metáforas lingüísticas;
- 2) A precisa identificação de TENOR e VEÍCULO² em relação a cada metáfora lingüística;
- 3) A extrapolação de metáforas conceituais de metáforas lingüísticas;
- 4) A extrapolação de metáforas convencionais de padrões nos dados.

Semino et al (2004) explicam que diferentes decisões nos processos de análise podem levar a conclusões diferentes quanto à forma na qual o discurso sobre doenças (câncer), no caso do trabalho deles) parece ser constituído metaforicamente nos dados. Inicialmente, os autores utilizaram o procedimento proposto por Steen (1994) para análise de seu corpus, o qual consiste de 5 passos, começando pela realização de metáforas lingüísticas e gradualmente se movendo em direção ao nível conceitual e de decisões sobre o que exatamente é entendido como convencional. Entretanto, com esse procedimento, vários de seus exemplos se apresentaram como problema. Steen (1994) já adverte sobre os problemas de análise ao dizer que:

The procedure is meant to constrain the relation between linguistic and conceptual metaphor. It has sometimes remained an act of faith that particular metaphors in language reflect particular metaphors in thought. (Steen, 1999: 57).

2. Na expressão "o amor é uma rosa", rosa é o veículo para amor, o tenor.

Ao final da análise dos problemas metodológicos, Semino et al propõem alguns ajustes ao procedimento de Steen e enfatizam que algumas áreas que pesquisas futuras poderiam se concentrar.

O trabalho de Semino et al (2004) não foi o primeiro a tratar dos problemas criados durante a identificação de expressões metafóricas no discurso. Cameron (1999b) discutiu os diferentes tipos de critério que podem ser adotados na identificação de metáforas e ainda apontou a importância da explicitação sobre a seleção de critérios específicos selecionados para estudos individuais, a depender dos dados e dos objetivos da pesquisa.

Cameron (1999 a) considera a metáfora como um fenômeno da linguagem em uso. A autora defende a operacionalização do conceito de metáfora para as pesquisas de natureza lingüístico-aplicada. Para este tipo de pesquisa, deve haver uma distinção clara entre o nível teórico de análise e o nível de processamento de análise e, ainda, uma necessidade de congruência entre os níveis de análise e as representações podem restringir detalhes importantes do quadro teórico para a operacionalização da metáfora. A autora fornece um quadro desses níveis de análise e representação da linguagem metafórica, como mostramos a seguir:

<p>Nível 1 – O nível teórico Preocupações:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificação de metáforas • Categorização de tipos de metáforas • Os objetivos e a lógica da produção, interpretação e percepção da metáfora no discurso como tarefas de processamento
<p>Nível 2 – O nível de processamento Preocupações:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A ativação de conceitos, em contextos através da interação entre indivíduos e seu ambiente sócio-cultural, no processamento de linguagem metafórica no discurso. • Como uma interpretação de metáfora é conseguida; como uma metáfora particular vem a ser usada • A estruturação de domínios conceituais através da metáfora; mudança conceitual através de encontros com a metáfora.
<p>Nível 3 O nível neural Preocupações:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atividade neural que executa o processamento metafórico nos níveis 2 e 1.

Quadro 1: Níveis de análise e representação de linguagem metafórica
(Adaptado de Cameron, 1999a: p 7)

Cameron (2003), em seu trabalho de análise das Dinâmicas discursivas de metáforas em conversas de conciliação (*The Discourse Dynamics of Metaphor in Conciliation Talk*), fez a seguinte questão de pesquisa: Como a metáfora contribui para o processo de reconciliação? A autora estipula dois tipos de procedimento para se chegar aos resultados pretendidos: O **procedimento 1** parte da identificação de metáforas lingüísticas em direção à agregação destas a grupos semanticamente conectados (o que convencionou-se chamar de metáforas sistêmicas – *systematic metaphors*). Após este passo, segue-se à análise do discurso de ação, tópicos discursivos e temas. O **procedimento 2** não varia muito em relação ao primeiro, pois mantém o mesmo passo inicial - identificação de metáforas lingüísticas – seguido da análise de distribuição de metáforas ao longo da fala ou do texto (**agrupamento de metáforas**). Ao final do procedimento, há o mesmo passo contido no procedimento 1 - análise do discurso de ação, tópicos discursivos e temas.

Após medir a densidade metafórica (número por 1000 palavras), compará-la com outros tipos de conversas, verificar a distribuição de aglutinações e suas ausências, verificar o uso de metáforas sistemáticas pelos falantes envolvidos na pesquisa, a autora chegou a algumas respostas para a sua questão de pesquisa. A metáfora contribui para o processo de reconciliação por oferecer formas de explorar alternativas à violência e à vingança; por permitir que vítimas e infratores expliquem seus sentimentos uns para os outros, estimulando assim a compreensão entre eles; e *last but not least*, por permitir que os falantes controlem e ajustem o clima afetivo da conversa.

Huang (2005) examinou a incidência de expressões potencialmente metafóricas (doravante EPM), ou seja, enunciados com apresentação sintagmática formados por pelo menos um termo mais uma palavra lexical (substantivo, verbo, adjetivo) em textos da Revista da Associação Médica Brasileira. Foi considerado potencialmente metafórico o contexto de ocorrência de um termo combinado com palavra(s) ou locução que estabelecesse entre si uma distância semântica. Foram identificados, em meio a 2.578 contextos, 86 padrões de realização potencial de metáfora. A autora aplicou uma classificação inspirada em Lakoff & Johnson (1980) e por meio dela obteve 8 tipos distintos de metaforização, a saber: personificação, personificação com atribuição de capacidade, tempo, processo, recipiente, metáfora orientacional, metáfora de guerra e metaforizações sem classificação. Sua pesquisa conclui que o tipo de EPM de maior ocorrência é a personificação.

Ferreira et al (2007) investigaram o fenômeno da tradução de metáforas em filmes alemães. Os autores escolheram a Teoria da Relevância de Wilson & Sperber (1986) para a análise do processo tradutório. O estudo apontou o potencial descritivo dessa teoria como uma ferramenta auxiliar na compreensão da metáfora e na sua tradução. Os autores afirmam em suas conclusões que:

Por meio da Teoria da Relevância, verificou-se se o tradutor realmente possibilita ao leitor fazer o raciocínio inferencial que o autor supostamente fez ao utilizar significação implícita, como a metáfora, por meio da semelhança interpretativa entre duas formas proposicionais... Se o leitor não conseguir acessar tais implicações, haverá falhas na comunicação e ele não obterá os efeitos contextuais do original, o que Gutt (2000) chamou de situações de comunicação secundárias. (Ferreira et al, 2007: 18)

Em nosso corpus, são apresentadas expressões licenciadas por mapeamentos cognitivos entre domínios-fonte e domínios-alvo. Também se percebem entraves nos processos de mapeamentos de domínios por interferência do processo de tradução.

2. Delimitação do Corpus

Lies are a tool: they can be used either for good or—no, wait, I've got a better one. Lies are like children: hard work, but they're worth it because the future depends on them.
("It's A Wonderful Lie")

O material utilizado para a análise é constituído de falas extraídas dos 5 primeiros capítulos da primeira temporada da série norte-americana House, M.D. A série foi lançada no EUA em 2002 e logo se tornou um grande sucesso de crítica e de público. Quanto ao contexto no qual as EPMs ocorrem, escolhemos as falas contidas nas trocas conversacionais entre o Dr. Gregory House e a sua equipe de diagnóstico, que é formada pelo neurologista Dr. Eric Foreman, a imunologista Dra. Allison Cameron e pelo Dr. Robert Chase.

O Dr. Gregory House parece ser contra o contato com os pacientes e evita até mesmo falar com eles se não for preciso, entrando em contato com a equipe muito mais vezes do que com os pacientes. Lidando com sua constante dor física, ele usa uma bengala que parece acentuar seu comportamento rude e brutalmente honesto.

É mister assinalar que essas situações comunicativas entre os médicos da série e suas respectivas seqüências conversacionais são meramente fictícias. A despeito de ser classificada como um drama, a série gera divertimento e excitação no público, que se diverte com trocas de falas impregnadas de sarcasmo e ironia entre os personagens principais e secundários. O objetivo dos produtores da série não foi documentar casos clínicos inéditos para serem acessados por acadêmicos da área de medicina. O maior propósito da série é o entretenimento. É importante frisar que o discurso médico flagrado na série não corresponde a uma situação médica real entre médico e paciente.

3. Análise e Discussão

Saying there appears to be some clotting is like saying there's a traffic jam ahead. Is it a ten-car pile up, or just a really slow bus in the center lane?
And if it is a bus, is that bus thrombotic or embolic?
I think I pushed the metaphor too far.
(“Euphoria, Part 1”)

Foram extraídas 6 seqüências de conversação que continham EPMs. *Il va sans dire* que havia uma infinidade de exemplos que serviriam de candidatos ótimos para a nossa investigação, todavia, preferimos escolher os que, de certa forma, continham graus distintos de metaforização. A análise do corpus obedeceu a seguinte ordem:

- 1) Levantamento das expressões lingüísticas;
- 2) Seleção das EPMs;
- 3) Explicação propriamente dita dos exemplos sublinhados.

Os critérios utilizados para a identificação de metáforas lingüísticas e conceituais seguiram os passos a seguir:

- 1) Identificação dos itens lexicais potencialmente metafóricos – para isso, os itens lexicais que traziam um sentido diferente do significado convencional foram sublinhados;
- 2) Determinação dos mapeamentos subjacentes;
- 3) Análise das expressões metafóricas;
- 4) Comparação das expressões metafóricas.

Os números que aparecem antes das expressões lingüísticas indicam o ponto no qual a linha de dialogo figura na linha temporal. Por exemplo, no primeiro exemplo, a fala do personagem ocorre dos 6 minutos, 12 segundos e 121 milissegundos até os 6 minutos, 15 segundos e 416 ms.

Exemplo 1:

00:06:12,121 —> 00:06:15,416

Dr. House: No primeiro ano de medicina, se you ouve cascos pensa em cavalos e não em zebras.

00:06:21,797 —> 00:06:28,095

Dr. House: Segundo, se fosse um cavalo o médico da família poderia tratá-la e ela nunca teria vindo até este hospital.

00:06:58,584 —> 00:07:00,794

Dr. House: Vamos descobrir com que tipo de zebra estamos lidando.

Na primeira EPM sublinhada, ocorre um jogo de palavras utilizando metáforas de animais. Na realidade, quer-se dizer uma coisa em termos de outra. Ou seja, cavalos representam uma coisa óbvia, diferentemente de zebras que, na intenção pretendida pelo personagem, simbolizam um problema ou coisa atípica. No entanto, durante o ato de interpretação do telespectador brasileiro dessa EPM pode haver um problema de compreensão.

Na cultura brasileira, o item cavalo pode remeter a uma metáfora de semelhança associada a grosseria. Resta saber se os telespectadores brasileiros irão fazer as mesmas inferências que os expectadores norte-americanos por possuírem um *background* cultural distinto. Outro problema ligado à tradução está na segunda EPM, ou seja, o animal zebra aqui no Brasil está associado a problema, mas será que esse mesmo fato foi levado em conta durante a composição da expressão que contém metáfora de animais? Sabe-se que a tradução impõe um grande obstáculo na transmissão da força do pensamento e da mensagem de uma língua para a outra. Gutt (2000 apud Ferreira et al, 2007) assevera que:

Se o ouvinte não consegue encontrar uma interpretação consistente com o Princípio da Relevância, ele não terá certeza do que o autor está pretendendo comunicar. [...], a falta de efeitos contextuais adequados talvez cause a impressão de que o texto é irrelevante para ele, [...], e o receptor coloque a tradução de lado (2000: 96).

Exemplo 2

00:08:56,285 —> 00:09:00,414

Dr. House: Nós injetamos ‘gadolinium’ na sua veia. Ele se distribui pelo seu cérebro...

00:09:00,581 —> 00:09:03,792

...e age como um contraste para a ressonância.

00:09:04,418 —> 00:09:07,796

Dr. House: Basicamente, o que está na sua cabeça se ilumina como uma árvore de Natal.

Segundo Grady (1997), há dois possíveis tipos de relacionamento lógico entre os conceitos, a saber, a correlação e a percepção de semelhança. As metáforas conceituais, portanto, ou são geradas por correlação entre domínios experienciais distintos [caso das chamadas **metáforas primárias** e das **metáforas de imagem**] ou por percepção de semelhança entre objetos [caso das chamadas **metáforas de semelhança**; **metáforas de imagem** e das **metáforas do tipo genérico/específico**].

O que se pode perceber diante do exemplo acima é um caso comum de *símile*. Há no plano real uma idéia ou coisa a ser definida ou expressa, no caso, “o que está na cabeça do paciente”. No plano imaginário, há uma outra idéia ou coisa, no caso, “árvore de natal”, em que a imaginação percebe alguma relação ou semelhança com o plano real.

Exemplo 3

00:13:46,490 —> 00:13:49,618

Dr. House: Não pegamos a foto. Vamos ter que pegar milhões de palavras.

A EPM sublinhada no exemplo acima remete à frase célebre da propaganda “Uma imagem vale por mil palavras”. Em um sistema conceptual, os comunicadores colocam suas idéias-objetos dentro de uma frase-*container*. A comunicação será bem-sucedida se o interlocutor capta (pega, no caso) o que o falante diz. A metáfora primária subjacente é **IDÉIAS SÃO OBJETOS**. Eis aqui alguns exemplos de expressões metafóricas com base na metáfora primária acima: “Eu te passei a idéia.” / “eu não consigo colocar as idéias no papel.”.

Exemplo 4

00:32:16,015 —> 00:32:19,602

“O verme constrói um muro, usa a secreção para parar a resposta imunológica do corpo.”

De acordo com a concepção tradicional, a personificação é concebida como um fenômeno retórico-literário, opondo-se ao modelo cognitivista, que a considera como um recurso cognitivo. Lakoff & Johnson (2003) afirmam que a personificação é um tipo de metáfora ontológica em que os objetos físicos são concebidos como pessoas. Trata-se de entidades que, de acordo com a nossa percepção, não têm vontade própria mas são dotadas de ímpeto de ação.

Ao verme foi atribuída uma capacidade cognitiva inerente aos humanos, ou seja, construir muro para instituir defesa ou ataque. A metáfora **OBSTÁCULOS SÃO EMPECILHOS PARA A LOCOMOÇÃO** se coaduna com a metaforização **personificação com atributo de capacidade** para gerar o efeito de sentido pretendido.

Exemplo 5

00:17:36,568 —> 00:17:38,911

Dr. House: O cérebro é como um grande emaranhado de fios.

00:17:42,658 —> 00:17:44,333

Dr. House: O cérebro interpreta isso como dor.

Na EPM, “um grande emaranhado de fios” se constitui um *símile*, ou seja, uma figura que apresenta uma comparação explícita através do uso de conectores do tipo: **por exemplo, como, tal, assim, qual, semelhante a**. Se extrairmos essas partículas de comparação podemos chegar em uma expressão metafórica. O *símile* justapõe duas realidades e a metáfora funde-as. A finalidade do *símile* é a de embelezar, ampliar ou clarificar uma imagem através da comparação de, pelo menos, duas realidades diferentes que apresentam alguma semelhança. Logo após a seqüência acima apresentada, figura um exemplo de personificação (“o cérebro interpreta”). Este último, ao ser personificado, transforma-se numa pessoa com capacidade de compressão e conceptualização da realidade.

Exemplo 6

00:35:19,805 —> 00:35:25,039

Dr. House: Ele tem uma empolgação. É desconfortável, tem uma febre leve, mas ele vive.

00:35:33,736 —> 00:35:38,115

Dr. House: o vírus viaja para o cérebro e se esconde, como uma bomba com um timer.

00:35:38,150 —> 00:35:41,542

Dr. House: Neste caso, um timer de 16 anos.

Dr. House: Uma bomba de 16 anos.

Agora estamos diante de um exemplo problemático originado a partir das EPMs sublinhadas acima: há um processo metonímico ou uma personificação? Ou melhor colocando, a personificação é uma metáfora ou uma metonímia? Trata-se da metáfora (a criação de animação?) ou da metonímia (o produto pelo produtor)? O vírus torna-se a própria pessoa quando se diz que virou uma bomba / um timer de 16 anos. Certamente o vírus está contido na pessoa, mas sabemos que essa equivalência entre vírus e humano é impossível no reino animal.

Lakoff & Turner (1989) salientam que há uma complexa relação entre ambos os fenômenos e explicam o porquê: “uma das razões por que a metáfora e a metonímia são às vezes confundidas é que elas podem interagir em complexos caminhos no campo da composição”. Os autores mostram ainda que mapeamentos metonímicos podem evocar mapeamentos metafóricos por constituírem uma unidade de construção. Quanto ao exemplo acima apresentado, ele é um candidato perfeito aos problemas metodológicos de análise apresentados por Semino et al (2004), pois apesar de apresentar um forte link entre dois domínios, constitui-se como uma evidência problemática para a detecção de correspondências entre domínios conceituais inter-cruzados.

Considerações Finais

Cervical lymph node is a garbage dump. Very small one—just one truck comes, and it only comes from one home. Al Gore would be appalled. (“97 Seconds”)

Ao investigarmos se as hipóteses arroladas na seção introdutória foram falseadas ou confirmadas ao longo da análise metafórica empreendida, deparamo-nos com algumas realidades. Quanto à hipótese de não utilizarmos metáforas ao falar de assuntos relacionados à comunidade técnico-científica, vimos que isto não se concretiza (note-se a metáfora nos textos formais!). Torna-se possível e até imprescindível haver a presença desses dispositivos discursivos e mentais nessa área. Em relação à hipótese de expressões metafóricas serem usadas, no contexto aqui estudado, para despertar emoção nos interlocutores, essa hipótese ainda carece de mais investigação para ser totalmente confirmada. Embora a metáfora seja utilizada para despertar emoção e apelo sentimental em outros gêneros (poesia) e situações de reconciliação (cf. Cameron, 2003), de acordo com a observação das expressões lingüísticas selecionadas, constatamos que no contexto de explicação / interpretação de diagnóstico, elas não despertaram a emoção dos participantes no evento comunicativo. Sugerimos um estudo à parte que possa investigar com maior profundidade a associação de emoção, consciência e interpretação metafórica.

A partir das hipóteses acima, lançamos algumas questões de pesquisa as quais esperamos ter respondido de forma apropriada. Ao abordarmos as possibilidades de resposta para a primeira questão (como o uso de metáforas primárias (ou metáforas conceituais) contribui para o processo de elucidação de casos raros / complexos?), vimos que as metáforas se constituem como uma poderosa ferramenta para articular linguagem e pensamento. Elas e todos os seus tipos distintos de metaforização são utilizados pelo personagem principal, Dr. House, como um dispositivo extra no processo de interpretação e compreensão por parte dos interlocutores e são de fundamental relevância no processo de negociação do significado para se chegar a um diagnóstico preciso de casos complexos.

Quanto à pergunta número 2 (se existe sistematicidade no uso de determinadas metáforas primárias no discurso do personagem principal para se chegar a um diagnóstico bem sucedido), essa pergunta não pôde ser respondida, porque nosso estudo é de natureza puramente qualitativa. Pelo que pudemos observar de forma muito aleatória, no entanto, não houve uma sistematicidade significativa no discurso médico que privilegie um determinado conjunto de metáforas primárias e conceituais. Para realizar um estudo de natureza quantitativa, precisaríamos ter utilizado uma ferramenta computacional como o ATLAS TI, o mesmo que foi utilizado por Cameron (2003), ou ainda outro que está sendo desenvolvido por Berber-Sardinha (2008). Baumer (2008) também oferece uma metodologia de mineração e extração de expressões metafóricas.

Em relação à terceira questão (se há mapeamentos cognitivos suficientes entre domínio-fonte e domínio-alvo durante a geração e compreensão de expressões metafóricas para promover uma negociação de significados bem sucedida), como se pode observar, identificamos mapeamentos metafóricos suficientes subjacentes às expressões lingüísticas selecionadas. Há necessidade de uma organização desses domínios em um quadro, mas somente após o estudo computacional isto pode ser realizado.

No que concerne à quarta questão (como se realizam as metaforizações nas expressões lingüísticas analisadas?), podemos perceber que a personificação, a personificação com atribuição, a metonímia e o símile são as mais frequentes.

Em conclusão, podemos depreender que a metáfora assegura a construção do entendimento e a negociação do sentido, constituindo assim um meio a mais para se conseguir conhecimento, seja nas situações cotidianas que experienciamos, seja na orquestração de situações fictícias inspiradas na vida real.

Referências

BAUMER, E. & TOMLINSON, B. Computational Metaphor Identification in Communities of Blogs. **Proceedings of the Second International Conference on Weblogs and Social Media (ICWSM) Poster Session**. (Seattle, WA), 2008.

BERBER-SARDINHA, T. **Bancos de dados e ferramentas de análise**. <http://www2.lael.pucsp.br/corpora/index.htm>. Acesso em 22/10/08.

CAMERON, L. Operationalising ‘metaphor’ for applied linguistic research. In Cameron, L. & Low, G. (eds.), **Researching and Applying Metaphor**. Cambridge University Press, Cambridge, 1999a, pp. 3-28.

_____. Identifying and describing metaphor in spoken discourse. In Cameron, L. & Low, G. (eds.), **Researching and Applying Metaphor**. Cambridge University Press, Cambridge, 1999b, pp. 105-132.

_____. **Metaphor in Educational Discourse**. London: Continuum, 2003.

FERREIRA, L.C.; GOLDNADEL, M.; KRAUSPENHAR, D. A tradução da metáfora: um estudo em filmes de língua alemã. **Tradução e comunicação**, n. 16, pp.70-77, 2007.

GRADY, J. **Foundations of Meaning: primary metaphors and primary scenes**. Tese (Doutorado em Linguística), University of California, Berkeley, 1997.

HUANG, C. *A metáfora no texto científico de medicina: um estudo terminológico da linguagem sobre AIDS*. Dissertação de mestrado – UFRGS, Rio Grande do Sul, 2005.

LAKOFF, G. **Women, Fire and Dangerous Things: What Categories Reveal About the Mind**. Chicago: University of Chicago Press. 1987.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. **Metaphors We Live By**. Chicago University Press, Chicago, 1980.

LAKOFF, G. & TURNER, M. **More Than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor**. Chicago University Press, Chicago, 1989.

SEMINO, E., HEYWOOD, J. & SHORT, M. Methodological problems in the analysis of metaphors in a corpus of conversations about cancer. **Journal of Pragmatics**, V. 36, pp.1271-1294, 2004.

WILSON, D. & SPERBER, D. Pragmatics and modularity. **Chicago Linguistic Society**, V. 22, Parasession on Pragmatics and Grammatical Theory: pp. 68-74. Reprinted in Steven Davis 1991: 583-95, 1986.

STEEN, G. **Understanding Metaphor in Literature**. London: Longman, 1994.

STEEN, G. From linguistic to conceptual metaphor in five steps. In Gibbs, R. & STEEN, G. (eds.), **Metaphor in Cognitive Linguistics**. John Benjamins, Amsterdam, 1999, pp. 57-77.

SONTAG, S. **Illness as Metaphor**. Allen Lane, London, 1979.

_____. **Aids and its Metaphors**. Allen Lane, London, 1988.

